

# REVISTA CEFAC

Atualização Científica em Fonoaudiologia

V. 5 — n. 3, Julho/Setembro de 2003

A ciência caminha a passos largos. Não temos mais tempo de ler nem o que é específico de nosso fazer, quanto mais o resto do que é produzido na Fonoaudiologia. Se estamos assim, tão sobrecarregados de leituras dentro de nosso campo de trabalho, que dirá ler sobre o resto dos acontecimentos, como a política vigente, os filmes mais importantes do ano, as catástrofes, as novas descobertas, enfim, tudo o que acontece no mundo?

No que se tornou o profissional de hoje? Aquele que faz o diagnóstico? Ou seria aquele que executa a terapia? Ou será que é aquele que faz pesquisa, a qual, teoricamente, embasa a clínica? Ou, ou, ou... São tantas as variáveis. Será que não seria possível, de fato, ser um pouco de tudo: clínico que diagnostica, clínico que atua na terapia, clínico que faz pesquisa a partir das suas experiências? Ou, quem sabe, o inverso: ser um pesquisador que também vive, por momentos, a clínica com toda a sua peculiaridade? As especificidades alargam ou estreitam o nosso fazer e o nosso raciocínio? Perguntas difíceis de responder e também de fazer. Não tenho as respostas para tais questões, mas observo que muitos profissionais correm desesperadamente em busca de um determinado fazer, de uma determinada especificidade e esquecem o resto que está à sua volta. Nem sei se são muitos, ou não, que fazem parte deste grupo de pessoas que querem, que precisam, que até sobrevivem das especificidades de uma profissão.

A cada novo número de uma revista percebo o quanto aumentou o conhecimento de uma determinada área e quão profundo tem que ser o conhecimento de quem escreve sobre o específico do específico. Temo por este conhecimento tão profundo, mas aparentemente tão pouco abrangente, quando se trata da clínica. O que é o ideal? Não tenho certeza, mas me preocupo com este caminho que a Ciência, de uma forma geral, tomou. Todos nós, na presença da doença, buscamos o profissional mais especializado que existe para tratar o problema em questão, mas, ao mesmo tempo, buscamos neste profissional, alguém que nos veja de forma inteira e que compreenda a doença além do problema em si. Da mesma forma, os clínicos, ao lerem os artigos publicados em revistas de sua área, esperam encontrar, naquela leitura, algo que responda aos seus anseios de clínico.

Pesquisador e clínico? Há tempo real para poder ser os dois e desenvolver mais um lado do que o outro? Há interesse em que isto aconteça? Será que caminharíamos mais rapidamente e de forma mais humana se assim o fosse? Particularmente, eu penso que discussões sobre os pesquisadores puros e sobre o clínico, que entende que pesquisa não é para ele, deveriam ser realizadas com frequência. Talvez surjam alguns preconceitos de ambos os lados. Talvez esta seja uma preocupação só minha. Talvez não haja necessidade de se discutir isto, mas eu gostaria de ouvir mais sobre o assunto em questão.

Pesquisar e fazer clínica, atividades que valorizam e fazem crescer a profissão. Precisamos das duas, é claro. Só não está claro se estes dois aspectos devem ser exercidos por um ou por outro profissional, separadamente.

*Irene Queiroz Marchesan*